

MOVIMENTO PORNASO

<http://www.movimentopornaso.com>

Diego Moreira
Zé Amorim

Pornaso

[Zé Amorim]

Ele prolonga-se até ficar de pé
Quando tua boca escala até
O posto píncaro de minha pica
Eu digo: - fica que ele estica.

Sinto-me feliz estando a olho nu
Diante de teu róseo e belo cu.
Apaixonado por teu redondel
Cravo o anelar no teu anel.

Nas gêmeas virgens tetas com saúde
Eu as mamo mais que amiúde.
E quando ficas toda orvalhada

É na tua boa boceta bem salgada
Que enterro meu tinto tabaco
E crio inveja até no deus Baco.

Canção do Emílio

[Zé Amorim]

Minha terra tem bocetas
Com gosto de butiá,
As mulheres cá me fodem
Não me fodem como lá.

Nosso réu tem mais estrelas,
Nossas várzeas mais tenores;
Nossas pombas têm mais vida,
Nossa vida mais sabores.

Em trepar contigo à noite,
“Mais prazer encontro eu lá”.
Minha terra tem palmito
E também tem vatapá.

Minha terra tem pecados
E a Thaís não encontro cá;
Em fumar capim maluco
“Mais prazer encontro eu lá”.
Minha terra tem palmeiras
Onde sonha a série “A”.

Não permita Deus que eu corra
Sem que eu fuja para lá,
Sem que ache os senadores
Que não encontro eu cá.
Sem qu'inda receba palmas
Do amigo marajá.

Dos arcos

[Diego Moreira]

Diz-se que Apolo, no céu outonal
Que singrava sobre seu carro covô
Dardejava com seu arco ao povo
Herméticas setas de ira austral.

Perfurando bocetas, o meu pau
Agita-se como um novilho novo.
E se ocorre de ela lamber meu ovo
O espirro vem qual flecha sargital.

Vê-se assim que na coita se assemelham
Os paus que em foder se avermelham
E o aro deste deus tão misantropo.

Fábula tal não se viu em Esopo
Dos febris corpos quando se emparelham
Na insana véspera do acoplo.

Vou-me embora pro prostíbulo

[Diego Moreira]

Contravenção pornasiana

Vou-me embora pro prostíbulo
Antro de perdição sem lei
Lá fodo a mulher que quero
Quiçá a mulher do frei.
Vou-me embora pro prostíbulo

Vou-me embora pro prostíbulo
Pro seio da meretriz
Que acolhe minha pica dura
Com sua boca tão ardente
E a cabeça me abocanha
Em volúpia confluyente
Na vertência da torrente
Que aos séculos sobrevive

Rameiras de pele elástica
Que me põe a pica ereta
Qual verde e frondoso nabo
Em vós é que preconcebo
A excelência em fornicar!
Vossos gritos embargados
Da agudeza do assobio
Põe-me a alma em viva frágua

E os vasos em crematória
E o quarto se torna um hino
Onde apetece-me cantar
Vou-me embora pro prostíbulo!

O prostíbulo a que aludo
É das dores ablação
Satisfaz o meu pau duro
E o bolso do cafetão
É o oceano subaquático
Da humana bestialidade;
Das vontades sibaritas
Faz-se totêmico lar.

E quando eu co'o membro em riste
Com a febre a inflamar-me o peito
À sanha não me opuser
Já sei pr'onde me mandar
- antro de perdição sem lei -
Foderei a mulher que quero
Quiçá a mulher do frei
Vou-me embora pro prostíbulo

Se eu trepasse amanhã

[Zé Amorim]

Para Álvares de Azevedo

Se eu trepasse amanhã, diria ao menos
Que fodi p'ra valer a pulcra irmã,
Ela de mais prazer se sorriria
Se eu trepasse amanhã!

Quanta honra tenho nesse pau duro!
Que xota p'ra bulir nessa manhã!
Eu metera pilando essas coroas
Se eu trepasse amanhã!

Que cabelos! Que pernas! São de Dalva!
Mas recordam a Teresa do divã!
Não me pulsara muito amor no leito
Se eu trepasse amanhã!

Mas o calor da vida revigora,
Minha demência é a da maçã,
E o ardor no leite aquecera ao menos,
Se eu trepasse amanhã!

Poema brocha

[Diego Moreira]

Ao meu tio, que se jacta de
haver estourado trezes cabaços.

Já não encontras, Jorge, o teu alento,
Na memória dos passados anos;
Em teu teatro já caiu o pano,
Teu presente é plácido tormento.

Nas areias do esquecimento,
Enterra-se a fundo, ano após ano
Aquele marsapo desumano
Que ostentavas como um ornamento.

Triste fim daquela pica grossa,
Que muitas bocas fez exclamar
Um aterrorizado “Minha nossa!”

Hoje já não o podes mostrar,
Pois a rola, dura feito rocha,
Quis o fado que quedasse brocha.

Diego Moreira é natural de Joaçaba, Santa Catarina. Poeta e prosador, é graduado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, reside em Florianópolis, onde presta o curso de mestrado em Teoria Literária, pela mesma instituição.

José Luiz Amorim é natural de Florianópolis, Santa Catarina. Integrante do Grupo de Poetas Livres e do Sarau Boca de Cena da Universidade Federal de Santa Catarina, onde cursa Letras – Língua Portuguesa e Literaturas. Poemas seus já forma publicados na revista “Nua”, no jornal “Hora de Santa Catarina” e em antologias de concursos literários nos quais foi classificado.